

A SEMANA – 216*

19 de julho de 1896

Este que aqui vedes jantou duas vezes fora de casa esta semana. A primeira foi com a *Revista Brasileira*, o jantar mensal e modesto, no qual¹ se não faltam iguarias para o estômago, menos ainda as faltam para o espírito.² Aquilo de Pascal, que o homem não é anjo nem besta, e que quando quer ser anjo é que fica besta, não cabe na comunhão da *Revista*.³ Podemos dizer sem desdouro nem orgulho que o homem ali é ambas as coisas, ainda que se entenda o anjo como diabo e bom diabo. Sabe-se que este era um anjo antes da rebelião no céu. Nós que já estamos muito para cá da rebelião, não temos a perversidade de Lúcifer. Enquanto a besta come, o anjo conversa e diz coisas cheias de galanteria. Basta notar que, apesar de lá estar um financeiro,⁴ não se tratou de finanças. Quando muito, falou-se de insetos⁵ e um tudo-nada de divórcio.⁶

Uma das novidades de cada jantar da *Revista* é a lista dos pratos. Cada mês tem a sua forma “análoga ao ato”, como diziam os antigos anúncios de festas, referindo-se ao discurso ou poesia que se havia de recitar. Desta vez foram páginas soltas do número

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 200, p. 1, 19 jul. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 226-232). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ no qual] no qual, – em SEM1953.

² Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 196, p. 1, col. 6, 15 jul. 1896), lê-se: “Realizou-se ontem, no Hotel do Globo, o terceiro jantar mensal dos colaboradores da *Revista Brasileira*. Desta vez o *menu* foi impresso em uma folha de papel branco, do formato da simpática publicação, tendo no verso uma página das do número que deve sair hoje. No exemplar que nos tocou, há uns belos versos de Mário de Alencar.” Na *Revista Brasileira* (t. VII, jul.-set. 1896) do terceiro trimestre de 1896, nas páginas 93 e 94 vem o poema “Na igreja”, de Mário de Alencar. A assinatura vem ao final dos versos, na página 94 – esta, muito provavelmente foi a página da revista que tocou ao redator da notícia (Ferreira de Araújo? Machado de Assis?), que não traz assinatura. Ver o poema de Mário de Alencar ao final desta crônica.

³ “*L’homme n’est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l’ange fait la bête.*” (*Les pensées* de Blaise Pascal); “O homem não é nem anjo nem besta, e quando deseja ser anjo faz-se besta.” [Tradução livre nossa]

⁴ O senador Leite e Oiticica compareceu ao jantar (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 196, p. 1, col. 6, 15 jul. 1896). Sobre ele, ver nota 4 da crônica anterior a esta – “A Semana – 215”.

⁵ Domingos José Freire Júnior (1842-1899), que compareceu ao jantar (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 196, p. 1, col. 6, 15 jul. 1896), publicou, logo em seguida ao poema de Mário de Alencar, a terceira parte de um artigo intitulado “Fatos da vida dos insetos”, com que vinha colaborando na *Revista Brasileira*.

⁶ A questão do divórcio, em discussão no Parlamento, esteve em evidência naquelas semanas. O assunto não era estranho aos temas tratados na *Revista Brasileira*.

que ia sair, impressas de um lado, com a lista do outro. Quem quis pôde assim saborear um trecho truncado do número do dia 15, o primeiro de julho, número bem composto e variado. Uma revista que dure não é coisa vulgar entre nós, antes rara. Esta mesma *Revista Brasileira*⁷ tem sucumbido e renascido, achando sempre esforço e disposição para continuá-la e perpetuá-la, como parece que sucederá agora.⁸

O segundo jantar foi o do Dr. Assis Brasil.⁹ Quatro ou cinco dezenas de homens de boa vontade, com o chefe da *Gazeta* à frente, entenderam prestar uma homenagem ao nosso ilustre patricio, e escolheram a melhor prova de colaboração, um banquete a que convidaram outras dezenas de homens da política, das letras, da ciência, da indústria e do comércio. O salão do Cassino tinha um magnífico aspecto, embaixo pelo arranjo da mesa, em cima pela agremiação das senhoras que a comissão graciosamente convidou para ouvir os brindes. De outras vezes esta audiência é o único doce que as pobres damas comem, e, sem desfazer nos oradores, creio ser órgão de todas elas dizendo que um pouco de doce real e peru de verdade não afiaria menos os seus ouvidos. Foi o que a comissão adivinhou agora. Mas, ainda sem isso, a concorrência seria a mesma, e ainda maior se não fora o receio da chuva, tanta havia caído durante o dia.

O que elas viram e ouviram deve tê-las satisfeito. O aspecto dos convivas não seria desagradável. Ao lado desse espetáculo, os bons e fortes sentimentos expressos pelos oradores, as palavras quentes, a cordialidade, o patriotismo de par com as afirmações de afeto para com a antiga metrópole, – nota que figurou em todos os

⁷ *Revista Brasileira*] Revista – em SEM1953.

⁸ A *Revista Brasileira* estava em sua terceira fase (1895-1899) e era dirigida por José Veríssimo. A primeira (1857-1861) foi dirigida pelo cientista Cândido Batista de Oliveira, e publicada pela Laemmert com o título *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*. A segunda (1879-1881), editada por Nicolau Midosi, obteve grande sucesso. Machado de Assis publicou por lá as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880). Houve, além dessas fases, uma outra, com um só número, em 1856, que ficou esquecida – Francisco de Paula Meneses (1811-1857) foi seu fundador, e o número foi publicado sob sua responsabilidade. (SILVA, 2001, p. 50, nota 46, de José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat; e LYRA et al., 1995) Em 1897, Machado de Assis tornou-se presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras, que, de certo modo, nasceu da *Revista Brasileira*; ele considerava José Veríssimo o maior crítico da literatura brasileira, e seu “leitor ideal”; e, por sua vez, José Veríssimo defendia que Machado de Assis fosse o maior autor da literatura brasileira. (BERTOL, 2020, p. 1-17)

⁹ Esse jantar recebeu ampla cobertura nos jornais. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 199, p. 1, col. 8, 18 jul. 1896), lê-se: “Grande número de amigos e admiradores do ilustre Sr. Dr. Assis Brasil reuniram-se anteontem, no grande salão do Cassino, em um banquete que lhe ofereceram como manifestação do alto apreço em que têm os seus serviços e da elevada consideração pelas suas qualidades pessoais. [...] / O lugar de honra foi ocupado pelo Sr. Dr. Manuel Vitorino Pereira, vice-presidente da República, tendo à sua direita os Srs. Dr. Assis Brasil, senador Coelho Rodrigues, prefeito municipal Dr. Furquim Werneck e deputado Cesário Mota; à esquerda do Sr. vice-presidente da República os Srs. Camelo Lampreia, encarregado de negócios de Portugal, senador Moraes e Barros, cônsul português conselheiro Barbosa Centeno, conselheiro Orlando, senador Virgílio Damásio. Em frente, no lugar de honra, o Sr. ministro das relações exteriores, Dr. Carlos de Carvalho, tendo à sua esquerda o nosso colega Ferreira de Araújo [fundador e proprietário da *Gazeta de Notícias*], representando a comissão que ofereceu o banquete.” No parágrafo seguinte, a lista dos convidados trazia o nome de Machado de Assis. Durante o banquete, discursaram Ferreira de Araújo e Assis Brasil. Várias figuras ilustres da cena política e cultural do Rio de Janeiro estiveram presentes.

discursos,¹⁰ – tudo fez da homenagem a Assis Brasil uma festa de família. O nosso eminente representante foi objeto de merecidos louvores. Ouviu lembrar e honrar os seus serviços, os seus dotes morais e intelectuais; e as palavras de elogio, sobre serem cordiais, eram autorizadas, vinham do governo, do jornalismo, da diplomacia. As letras e o senado não falaram propriamente dele, mas sendo ele o centro e a ocasião da festa, todas as coroas iam coroá-lo.

Não quisera falar de mim; mas um pouco de egotismo não fica mal a um espírito geralmente desinteressado. As pessoas que me são íntimas sabem que estou padecendo de um ouvido, e sabem também que na noite do banquete fiquei pior. Atribuí à umidade o que tinha a sua causa em uma igreja de Porto Alegre. Com efeito, no dia seguinte, abrindo os jornais, dei com telegrama daquela cidade noticiando que o Rev. padre Júlio Maria¹¹ continuou na véspera as suas conferências,¹² e que os aplausos tinham sido calorosos. Estava explicada a agravação da moléstia. Digo isto, porque a moléstia apareceu justamente no dia 13, em que o mesmo padre fez a primeira conferência da segunda série, conforme anterior telegrama, o qual acrescentava: “Auditório enorme; a igreja sem um lugar vazio. No final retumbantes palmas; verdadeira ovação ao orador.”¹³

Essas palmas dentro da igreja foram tão¹⁴ fortes que repercutiram no meu gabinete e me entraram pelo ouvido, a ponto de o fazer adoecer. Quando ia melhor, em via de cura, continua o padre as conferências, e repetiram-se as palmas. Eis-me aqui numa situação penosa. Desejo que as conferências prossigam, uma vez que espalham verdades e rendem ovações ao orador; mas não desejo menos ficar curado, e para isso era preciso que não fosse com palmas que dessem ao padre Maria¹⁵ notícia do efeito da sua grande eloquência. O silêncio, um triste silêncio de contrição, de piedade, de arrependimento, não viria pelo telégrafo, nem me faria adoecer; mas seria preciso pedi-lo, e eu não pediria jamais uma coisa que me aproveitasse em detrimento de um princípio. Melhor é sofrer com paciência, até que acabe esta segunda série.

Não esqueçais, ou ficai sabendo que a matéria da primeira conferência foi este tema: “Como muitos católicos são ateus práticos”. Posto que esse tema pareça prenhe de alusões pessoais, é fora de dúvida que foi bem escolhido, e as palmas mostraram ao

¹⁰ Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) foi diplomata e atuou no restabelecimento das relações entre Portugal e Brasil, rompidas desde a Revolta da Armada. O banquete foi uma celebração desse reatamento. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 199, p. 1, col. 8, e p. 2, col. 1-4, 18 jul. 1896)

¹¹ Maria] Moura – em GN. Seguimos a lição de Aurélio.

¹² Em telegrama de Porto Alegre (17 jul. 1896), publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 200, p. 1, 18 jul. 1896), lê-se: “O padre Júlio Maria efetuou ontem com o sucesso de costume a 13 conferência sobre a vida futura. A igreja se achava repleta e os aplausos foram calorosos.”

¹³ As palavras citadas pelo cronista encontram-se num telegrama de Porto Alegre (datado de 13 jul. 1896), publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 196, p. 1, 14 jul. 1896). Esta nota também leva o n. 13.

¹⁴ tão] ão – em GN.

¹⁵ Maria] Moura – em GN. Seguimos a lição de Aurélio.

orador que havia falado a pessoas conversas.¹⁶ Dessa triste categoria de católicos ateus poucos conheço pessoalmente, e esses mesmos têm o ateísmo tão diminuto que, se ouvissem o orador, teriam rasgado as luvas com frenéticos aplausos.

Adeus, leitor. Mal tenho tempo de dizer que, pela segunda vez, acabo de ler em Cleveland a palavra *paternalismo*.¹⁷ Não sei se é de invenção dele, se de outro americano, se dos ingleses. Sei que temos a coisa, mas não temos o nome, e seria bom tomá-lo, que é bonito e justo. A coisa é aquele vício de fazer depender tudo do governo, seja uma ponte, uma estrada, um aterro, uma carroça, umas botas. Tudo se quer pago por ele com favores do Estado, e, se não paga, que o faça à sua custa. O presidente dos Estados Unidos execra esse vício, e assim o declarou em mensagem ao congresso, negando sanção a uma lei que abre 417 créditos no valor de oitenta milhões de dólares. O presidente falou sem reboço; aludiu a interesses locais e particulares, condenou o desamor ao bem público, chamou extravagante a lei, somou as contas enormes que o governo já tem de pagar este ano, e escreveu esta máxima que, por óbvia, não serve menos de lição aos povos: “A economia privada e a despesa medida são virtudes sólidas que conduzem à poupança e ao conforto...”¹⁸ O congresso leu as razões do veto, e, por dois terços, adotou definitivamente a lei, dando ao tesouro mais esta carga. A ciência política há de descobrir um processo de conciliar, nestas matérias, todos os Capitólios e

¹⁶ Na *Gazeta*, termina nesta linha uma mancha preta, irregular, vertical, que compromete a leitura do texto desde o parágrafo anterior. Nos trechos ilegíveis, seguimos as lições de Aurélio Buarque de Holanda.

¹⁷ Stephen Glover Cleveland (1837-1908) foi presidente dos Estados Unidos por duas vezes: 1885-1889 e 1893-1897. Gustavo Franco (2007, p. 205) diz que “paternalismo” pode ser entendido como “patrimonialismo”. Machado já havia tocado neste assunto – ver nota 18 em “A Semana – 197”, de 8 de março de 1896.

¹⁸ O *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 199, p. 1, 17 jul. 1896) publicou uma longa matéria, intitulada “ESTADOS UNIDOS”, enviada de Nova York pelo correspondente do periódico, sobre questões relacionadas ao parlamento americano e à economia dos Estados Unidos. O cronista parece se basear nessa matéria ao comentar um trecho referente ao projeto de lei vetado pelo presidente americano Stephen Cleveland. Esse projeto liberaria gastos públicos de aproximadamente 80 milhões de dólares para realizar serviços que, segundo o presidente americano, contemplaria interesses particulares. A seguir, transcrevemos um trecho do discurso do presidente americano: “Estou convencido, escreveu Cleveland, de que o presente *bill* [projeto de lei] abriu caminho a insidiosos e crescentes abusos, e é ele por si mesmo demasiado extravagante para poder ser impunemente aprovado nestes tempos de estagnação mercantil e conseqüente desapontamento no rendimento público. Acresce que o erário terá de fazer face a outros créditos votados na atual sessão legislativa e que sobem a mais de 500 milhões de dólares. *A economia privada e a despesa medida são virtudes sólidas que conduzem à poupança e ao conforto.* [grifo nosso] A economia e a necessidade de clara justificação na aplicação dos dinheiros públicos por parte dos servidores do povo não são apenas virtudes: constituem obrigações solenes. Dado o caso de que as verbas contidas neste *bill* são suscitadas por interesses particulares e promovem projetos locais ou individuais, sua adoção não poderá deixar de estimular um *paternalismo* [grifo nosso] vicioso e encorajar entre o nosso povo o sentimento, já em extremo prevalente, de que a sua dedicação ao Governo deve razoavelmente firmar-se na esperança de alcançar favores diretos e especiais, regulando por semelhante concessão a estimação da eficácia do zelo oficial.”

todas as Casa-Brancas.¹⁹ O que não impede que incluamos *paternalismo* nos dicionários.²⁰
Adeus, leitor.



NA IGREJA

Tu entravas na igreja e eu saía.
Mas voltei — a rezar ? — a rezar, não,
Pois, pobre atheu que eu era !, mal sabia
Murmurar a mais simples oração.

Voltei a ver-te, e vi que á tua entrada
Todos os olhos para ti volviam,
E ante a tua belleza decantada
As boccas todas em louvor se abriam.

Vi-te depois em supplice attitude,
Mãos postas, olhos baixos, a rezar . . .
Tanto ardor, tanta fé e beatitude
Não tinha o padre orando ao pé do altar.

Creio que junto a mim, de quando em quando,
Finda a missa, passava muita gente ;
Mas não a vi : só via-te rezando,
E em teu vulto absorta tinha a mente.

Quizera adivinhar o que é que lias
Com tão grande attenção no teu missal.
E o que, fechado o livro, ao céu dizias,
Volvendo ao céu teu rosto esculptural.

« Quem ineutiou em ti tamanha crença ?
Que anjo a rezar assim te ensina ?
E' impossivel que essa fé intensa
Não seja effeito de uma luz divina.

¹⁹ Preservamos, assim como Aurélio Buarque de Holanda o fez, a forma “Casa-Brancas”, com hífen – plural hoje estranho.

²⁰ dicionários.] dicionérios. – em GN.

Nessa idade, em que a moça só deseja
Ostentar a beleza, e o luxo vão,
Tu, tão moça e tão bella, vens á igreja,
A rezar com essa infinda devoção !

Ensina-me a ter fé, já que tens tanta ;
Pede ao céu, com esse zelo que te exalta,
Que os teus olhos azues de virgem santa
A luz me incutam que nest'alma falta. »

Taes coisas eu, de mim p'ra mim, dizia,
Extatico, de pé, em ti o olhar. . .
Pela igreja deserta só havia
A contemplar-te eu, tu a rezar.

« Si o teu olhar procura o céu, de certo
E' que no céu um Deus supremo habita,
Um Deus que vês sorrindo muito perto,
A quem elevas a oração bemdita.

Oh ! pudesse eu tambem, um só instante,
Sentir nos olhos meus os olhos teus !
Lêra nelles a fé, que tens, radiante,
E aprendera contigo a crer em Deus. »

O céu julgo que ouviu o meu pedido ;
Pois logo est'alma toda illuminou-se,
E senti sobre mim, do céu descido,
O teu olhar azul, divino e doce.

Ah ! esse olhar ! ante esse olhar curvado,
Tremulo, estupefacto, ajoelhei.
E o que então murmurei ajoelhado,
Foi a oração primeira que rezei.

1894.

MARIO DE ALENCAR

Na Igreja

FONTE: *Revista Brasileira*, t. VII, jul.-set. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 200, p. 1, 19 jul. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14569>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BERTOL, Rachel. Revista Brasileira, dirigida por José Veríssimo – motor de uma geração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2020, v. 35, n. 103. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/3510306/2020>>.

DIAS, José da Silva. *Teatros do Rio: do Século XVIII ao Século XX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.

FRANCO, Gustavo. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LYRA, Helena Cavalcanti de, et al. *História de revistas e jornais literários*. (Índice da *Revista Brasileira*). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

MALHERBE, François. *Poésies*. Paris: Charpentier, 1842.

PASCAL. *Les pensées*. Informações disponíveis em:
<<http://www.penseesdepascal.fr/XXV/XXV31-approfondir.php>>.

POMPEU, A. M. C. (2008). Eurípides aristofânico: a tragédia como artifício cômico. *Letras Clássicas*, (12), 83-98.

ROCHEFORT, Henri. *Les aventures de ma vie*. 3. ed. Paris: Paul Dupon, 1896-1898. 5t.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos. Edição e notas ao texto por José Américo Miranda e Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.